

DESENHO TEÓRICO PARA INVESTIGAR PALIMPSESTOS MIDIATIZADOS DE MEMÓRIA ÉTNICA¹

Jiani Adriana Bonin²

Resumo: Neste texto buscamos delinear algumas perspectivas teórico-metodológicas para ancorar uma pesquisa que tem como objetivo investigar os palimpsestos de memória étnica de sujeitos de grupos de imigração histórica e contemporânea, procurando entender como participam as mídias e outros agentes na sua conformação. Ocupamo-nos aqui de problematizar os conceitos de memória coletiva, midiatização e mediação para as especificidades da referida pesquisa.

Palavras-Chave: mídia e memórias, midiatização, recepção

1. O problema/objeto de pesquisa: em torno da relação mídia e memórias

A pesquisa para a qual esboçamos, neste texto, algumas perspectivas teórico-metodológicas, tem como horizonte mais amplo de preocupação a problemática do sentido do tempo na sociedade atual, pensada em relação ao processo de midiatização, com angulação específica na questão da memória no âmbito deste processo.³ Autores vêm chamando a atenção para o fenômeno de emergência da memória como uma das preocupações centrais das sociedades atuais, de uma cultura da memória,⁴ que se globaliza, fortemente marcada pela atuação da Indústria Cultural. Um âmbito que vemos como importante para pensar as transformações que se operam na conformação coletiva/individual da memória e o papel das mídias neste processo é o relativo à memória étnica. Neste sentido, constatamos um investimento histórico e atual de mídias e gêneros em torno desta modalidade de memória, seja a relacionada a descendentes de imigrantes de grupos que vieram no período de

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “<Mídia e Recepção>”, do XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006.

² Professora/pesquisadora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Email: jianiab@unisinobr; jianiab@uol.com.br

³ Trata-se da pesquisa Mídia e memórias: palimpsestos midiatizados de memória étnica na recepção, recém aprovada pelo Comitê Científico da Unisinos e cujo período de realização é de março de 2006 a fevereiro de 2009.

⁴ Entre eles Huyssen (2000, 2005), Candau (2002), Montesperelli (2004) e Berger (2005).

colonização,⁵ seja de outros grupos de imigração mais contemporânea (como os fluxos migratórios de imigrantes de países do Mercosul),⁶ o que nos permite pensar numa específica configuração de cultura midiática da memória. Neste processo, as mídias não “transportam” a memória étnica de maneira inocente, elas a fabricam e a condicionam na sua própria estrutura e forma, instituindo-se, para usar os termos de Mata (1999), como marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido.

No âmbito deste processo, interessa-nos investigar questões específicas, relacionadas à particular configuração e ao modelamento das memórias de grupos étnicos de imigração histórica (italianos) e contemporânea (um grupo étnico de imigração contemporânea no contexto do Mercosul)⁷ pela mídia; aos palimpsestos⁸ de memórias midiáticas que se instituem e ao esquecimento, constitutivo deste processo. O que implica considerar as imbricações entre mídia e outros âmbitos de mediação da memória,⁹ as relações que se estabelecem entre a mídia e outros agentes e as lutas simbólicas que se expressam no ordenamento da memória e do esquecimento na recepção. Neste sentido, são interrogações

⁵ No caso destes grupos, para dar exemplos, em nossa pesquisa anterior, pudemos constatar um investimento na cobertura noticiosa da RBS TV em temas relativos à memória da imigração alemã e italiana, em vários programas produzidos pela emissora. Também em observações exploratórias constatamos este investimento em outras emissoras regionais como a TVE e o SBT, assim como a TV-COM da RBS. Na investigação conduzida por Cogo (2004) sobre imigração e mídia impressa, também foi verificada a presença de temas relativos à memória da imigração alemã e italiana, particularmente em mídias regionais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Em emissoras nacionais, tivemos as telenovelas *Terra Nostra* e *Esperança* (Rede Globo) cujas tramas tematizaram a memória da imigração italiana; no cinema, por exemplo, o filme *O Quatrilho*.

⁶ A pesquisa de Cogo (2004) sobre a midiática da migração contemporânea em jornais regionais e de âmbito nacional permite ver investimentos das mídias investigadas em temas relativos a memórias de grupos étnicos de imigração contemporânea.

⁷ Selecionamos o grupo étnico italiano por sua forte presença na mídia e por termos percebido, no âmbito da pesquisa que estamos finalizando, a presença de matrizes midiáticas de memória entre os pesquisados deste grupo; no caso do grupo de imigração contemporânea, pensamos em realizar previamente uma incursão em pesquisas já feitas e investir em observações que nos permitam perceber qual grupo tem tido investimento expressivo nas mídias em termos de temas relativos à memória étnica para fundamentar a opção. Até o momento, nossas observações exploratórias vêm nos levando a perceber uma presença significativa de elementos relativos ao grupo argentino em mídias regionais.

⁸ A noção de *palimpsesto* é utilizada por Martín Barbero (1997), em *Dos meios às mediações*, para pensar a trama dos textos e das matrizes culturais presentes nos gêneros e por Martín Barbero e Germán Rey (2001), em *Os exercícios do ver* para pensar em textos nos quais “um passado apagado emerge ternamente, embora imprecisamente, nas entrelinhas escritas pelo presente” (p.63). Aproprio-me aqui desta noção para fazer referência à trama de textos, midiáticos e não midiáticos, que se cruzam e se inscrevem na memória étnica dos sujeitos.

⁹ Aqui atento para o reconhecimento que autores como Verón (1997) e Mata (1999) fazem de que nem todas as práticas sociais se midiaticizam de forma homogênea, que a capacidade transformadora das mídias se revela em grau desigual e operando distintas alterações segundo os particulares atores destas práticas; segundo os desiguais universos materiais em que se desenvolvem. Situo-me, portanto, numa proposição de que a midiática não subsume a materialidade das práticas e dos sentidos de memória que transforma.

que movem esta investigação: Que papel as mídias estão tendo na conformação da memória étnica na recepção? Como participam da urdidura de particulares palimpsestos de memória étnica? Que matrizes midiáticas se expressam nas narrativas de memória dos sujeitos? Como a mídia se articula com mediações provenientes de outros âmbitos da experiência destes sujeitos (pensados sincrônica e diacronicamente) – família, grupos, projetos políticos, etc. - e que lutas simbólicas marcam a conformação da memória destes sujeitos? Que memórias são construídas/ativadas/atualizadas nestes processos e que esquecimentos se instituem? Que sentidos adquire esta memória no presente destes sujeitos? No que se segue, procuramos delinear algumas perspectivas teórico-metodológicas para ancorar a pesquisa que estamos propondo.

2. Pensando a memória étnica em seu lastro coletivo

Pensar a configuração da memória étnica nos coloca o desafio de refletir sobre a problemática da memória em sua conformação/vinculação coletiva: evocadas por sujeitos individuais, tais memórias carregam marcos coletivos de constituição - relacionados à pertença a um grupo étnico, à ação da mídia e, ou de outros agentes sociais.

Maurice Halbwachs é o autor que trabalhou o conceito de **memória coletiva** para pensar, desde uma perspectiva sociológica, a dimensão propriamente social da memória. Para ele, a memória individual se assenta e se organiza com base em quadros sociais. Carrega consigo a dimensão social dada pela linguagem, pela inserção do indivíduo num contexto social e em relações de pertencimento. Ampara-se e se constitui nas relações que o indivíduo mantém com os demais membros de seus grupos de pertença. Argumenta o autor que a evocação de um acontecimento passado se faz a partir de dados e noções comuns que se encontram no indivíduo e nos demais, e isso só é possível se os membros fazem parte e continuam fazendo, de uma mesma configuração social. Recordar significa voltar a evocar, mediante a interação social, a linguagem, as representações, as classificações coletivas, ou seja, reatualizar a memória do grupo social de pertencimento. A memória coletiva, nesta perspectiva, é pensada como a seleção, interpretação e transmissão de certas representações do passado a partir do ponto de vista de um grupo social determinado (Halbwachs, 1990).

O pensamento do autor privilegia, portanto, a dimensão coletiva de conformação da memória. Entretanto, e concordando com Montesperelli (2004), penso que não exclui sua

interação com a dimensão individual da memória. Neste sentido o autor propõe que, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um grupo de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, que se apóiam umas sobre as outras, não são necessariamente as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Assim, cada memória individual é pensada como um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa no grupo e conforme as relações que mantém com outros meios sociais.

Tomando em conta a perspectiva do autor, a idéia de uma memória étnica unificada (tanto quanto a de sociedade) é problemática.¹⁰ Se tal memória existe, só pode ser fruto de cruzamentos e de integrações de distintas memórias¹¹ (e produto da instauração de diferentes formas de esquecimento). O conceito de memória coletiva conserva sua fecundidade para pensar formas de consciência do passado (ou de inconsciência, em caso de esquecimento) de alguma maneira compartilhadas por grupos sociais, em nosso caso, de grupos étnicos. É possível admitir, e aqui compartilho da visão de Candau (2002), que os grupos étnicos produzem certas “percepções fundamentais”, que existem configurações de memória características – para as quais o autor propõe a noção de marcos sociais de memória. Mas, no interior destas configurações, cada indivíduo impõe seu próprio estilo, estreitamente dependente por uma parte de sua história – pensemos no caso dos sujeitos de imigração contemporânea, cujas histórias de vida conservam particularidades advindas da experiência migratória – e da organização de seu cérebro, que sempre é única. A memória coletiva pode também compartilhar mais de esquecimentos do que propriamente de lembranças.

Pierre Nora¹² traz uma noção que consideramos produtiva para pensar a problemática da memória étnica em termos das articulações entre memória individual e memória coletiva e as contradições e conflitos que a atravessam: a noção de **lugares de memória**, que remete a uma unidade significativa, de ordem material ou simbólica, a que a vontade de homens (grupos) e, ou o trabalho do tempo converteram em elemento simbólico de uma determinada comunidade/grupo. A idéia de fabricação, de produção do lugar subjaz nesta definição e

¹⁰ Na perspectiva de Halbwachs, faz sentido fazer referência a grupos e não a toda a sociedade quando se fala de memórias coletivas: grupos identitários, culturas, instituições, comporiam uma pluralidade de memórias coletivas dentro de um mesmo sistema social (Halbwachs, 1990).

¹¹ Como observa Jedlowski (1989), citado por Montesperelli (2004).

¹² Nora (1984), trabalhado por Candau (2002).

permite pensar que os lugares de memória são móveis, passíveis de reinterpretações diversas e, inclusive, de tornarem-se lugares de esquecimento. Lugares de memória referem-se a lugares que pertencem à memória, que são produto dela e não lugares em que a memória se encarna.

Os lugares de memória são pensados como produto da articulação de estratos de memória distintos, como a condensação de memórias plurais, mais ou menos antigas, com frequência conflitivas e que interatuam entre si. Os lugares de memória – que nos interessa investigar nesse projeto – seriam a obra de memórias múltiplas, às vezes convergentes, às vezes divergentes e inclusive antagônicas. Neste projeto, eles são pensados como lugares perpassados por múltiplas referências de memória, provenientes do contexto sócio-cultural em que vivem os sujeitos/grupos e da ação da mídia, que aí se inscreve com suas matrizes, modelos, pactos, significações. Candau (2002) alimenta nossas proposições ao propor pensar também os lugares de amnésia, aqueles que, dado o passado dos grupos, poderiam ter se convertido em lugares de memória mas nos quais a memória não se encarnou e em relação aos quais nos interessa pensar também o papel da mídia.

Seguindo vários autores, é fundamental pensar nos modos como as estruturas de poder e as lutas em torno da hegemonia pela definição da memória e do esquecimento impactam e modelam os marcos da memória étnica. A questão do poder sobre a memória suscita também a discussão sobre a manipulação da memória e a imposição da amnésia. Neste sentido, os marcos sociais de memória são o resultado, nunca adquirido definitivamente, de conflitos e compromissos entre vontades de distintas memórias. Diferentes grupos e agentes competem pela hegemonia sobre os discursos plausíveis e relevantes sobre a memória dentro da sociedade em seu conjunto.¹³ Estas vontades/grupos/agentes distintos se enfrentam na esfera pública, onde lutam pela hegemonia sobre os discursos de memória.

Os aparatos e modalidades de transmissão da memória também desempenham papel relevante nas lutas em torno da supremacia da memória e aqui jogam importância as mídias, como arenas centrais de publicização e de visibilização (ou de esquecimento) da memória dos grupos. Para problematizar melhor *a ação da mídia*, necessitamos precisar um pouco a noção

¹³ Jedlowski (2000) e, de maneira análoga, Benjamin, argumentam neste sentido, segundo Montesperelli (2004). Também Halbwachs (1990) atenta para as lutas em torno da definição da memória coletiva.

de midiaticização, e desde aí estabelecer um lugar para pensar as transformações da memória étnica dentro deste processo.

3. Midiaticização e memória étnica

Os conceitos de *midiaticização* e de *cultura midiática* vem se impondo no âmbito da reflexão comunicacional para fazer frente ao desafio epistemológico-teórico de se pensar as profundas alterações que se instituem nos mais diversos âmbitos de conformação social com a formação, consolidação e expansão histórica do campo das mídias. Com a noção, não se alude apenas a um estágio mais avançado no intercâmbio dos produtos culturais, fruto da expansão de tecnologias e instituições destinadas à produção de mensagens e ao incremento do uso destes tecnologias e meios. O que se busca tornar inteligível é *o caráter estruturador das práticas sociais e conformador de desenhos das interações sociais que os meios adquirem; as alterações substantivas em termos do redesenho dos modos como a sociedade se estrutura, produz significados, se comunica, se reproduz e se transforma – e, neste contexto, o que nos interessa, a memória étnica – no decorrer do processo de expansão e inscrição das mídias nos diversos âmbitos do social*. Mudanças que nos estão exigindo repor a centralidade dos meios na análise cultural, mas já não enquanto transportadores de algum sentido acrescentado (as mensagens), mas enquanto “*marca, modelo, matriz, racionalidade productora y organizadora de sentido*” (Mata, 1999, p.84).

Em relação a este processo interessa-nos, no âmbito desta pesquisa, pensar *que transformações estaria o processo de midiaticização instaurando no sentido do tempo e na memória étnica*. Para enfrentar tal problemática, uma questão fundamental a atentar diz respeito a uma das características da modernidade que se exacerba na contemporaneidade, relativa ao fenômeno do desencaixe espaço-temporal proporcionado pelas tecnologias e pela mídia. Tal fenômeno instaura a condição para a articulação de relações sociais não mediadas pelos lugares, assim como para a aceleração temporal. Um novo regime espaço-temporal se instaura, marcado pela co-existência, pela co-habitação e pela imediatez (Mata, 1999).

Martín Barbero (2001, 2002, 2003) e Andreas Huyssen (2002), refletindo sobre as transformações atuais da memória argumentam que, para entendê-las, é necessário pensá-las em relação ao fenômeno da transformação da estrutura da temporalidade social e da experiência do tempo, provocado pela complexa intersecção entre mudança tecnológica,

mídia e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global, assim como em relação ao fenômeno da planejada obsolescência dos objetos cotidianos pelo mercado – do qual faz parte a acelerada sincronicidade produzida pelos meios. Vivemos numa sociedade cujos objetos cotidianos que durante séculos haviam sido feitos para durar tornam-se rapidamente obsoletos – condição de funcionamento do sistema – o que se projeta também sobre as idéias, os costumes, os estilos, os gostos, a memória. Frente à memória que em outros tempos os objetos acumulavam e através da qual conversavam as gerações, hoje a maioria dos objetos são descartáveis.¹⁴

Esta mesma amnésia é reforçada pelos meios de comunicação. As mídias, como lugares de fabricação do presente, estariam contribuindo para debilitar o passado, a consciência histórica. A aceleração tecnocultural estaria levando à perda da noção do tempo e à instalação num presente contínuo, em *“una sequencia de acontecimientos que no alcanza a cristalizar em duración, y sem la cual ninguna experiência logra crear, mas allá de la retórica del momento, um horizonte de futuro”* (Lechner, 1995, citado por Martín Barbero, 2004, p.32). Um sentido de continuidade histórica ou, no caso, de descontinuidade, ambos dependentes de um antes e de um depois, cederia lugar à simultaneidade de todos os tempos e espaços, prontamente acessíveis no cotidiano.

Problematizando o modo como as mídias referem-se ao passado, Martín Barbero (2001a, 2001b) argumenta que elas muitas vezes o fazem descontextualizando-o, reduzindo-o a uma *cita*. Este deixa então de ser parte da memória e se converte em ingrediente de pastiche – operação que permite mesclar fatos, sensibilidades e estilos e os textos de qualquer época, sem articulação com os contextos e movimentos de fundo desta época. Deste modo, o passado não pode iluminar o presente nem relativizá-lo, já que não permite tomar distância do que se está vivendo. Assim, as mídias estariam contribuindo para instalar-nos num presente sem fundo, sem piso e sem horizonte. Em lugar de trabalhar os acontecimentos como algo que ocorre num tempo largo, os meios muitas vezes apresentam os eventos sem nenhuma relação entre eles, numa sucessão onde cada acontecimento acaba borrando o anterior, dissolvendo-o e impedindo o estabelecimento de verdadeiras relações entre eles. A

¹⁴ Lembremos que o espaço joga um lugar fundamental na ordenação da memória coletiva, como nos lembra Halbwachs (1990). A memória ancora-se nos espaços (ou lugares). Quando os grupos estão inseridos numa parte do espaço, eles o transformam à sua maneira, imprimem a sua marca neste espaço. Os objetos também são suportes de memória, inserem o passado no presente.

maioria da memória que os meios dão conta é uma memória de consenso e não memória viva, lacerante, conflitiva, o que acaba sendo uma forma de borrar o passado, de torná-lo difuso, indolor. Obviamente, como nos alerta o próprio autor, há muito o que matizar nestas proposições, pensando as especificidades de gêneros e modalidades midiáticas.

A obsolescência acelerada, as alterações da temporalidade e o debilitamento das ancoragens identitárias, das quais participam os meios como agentes importantes, parecem levar à vitória do presente e instauram o risco da amnésia. Entretanto, paradoxalmente, estariam gerando também um desejo de passado¹⁵ cujo sentido não se esgota na evasão, mas expressa a forte necessidade de tempos mais largos e a materialidade de nossos corpos reclamando menos espaço e mais lugar. A *febre* de memória estaria expressando a necessidade de ancoragem temporal que sofrem as sociedades (e os grupos) cuja temporalidade é sacudida pela revolução tecnológica informacional, que dissolve as coordenadas espaço-temporais do mundo da vida. Nela se manifestaria a transformação profunda por que passa a estrutura de temporalidade que a modernidade nos legou, desestabilizando o lugar do passado como lastro e fazendo da *novidade* a fonte de legitimidade cultura.

O que estaria correndo o risco de desaparecer neste processo seria o passado como continuidade da experiência, que não se confunde com uniformização nem com nostalgia, mas aponta para um mínimo de horizonte histórico que faz possível o diálogo entre gerações e a leitura/tradução entre tradições. Tradição pensada na versão benjaminiana como herança, não acumulável nem patrimonial, mas radicalmente ambígua em seu valor e em permanente disputa por sua apropriação, reinterpretada e reinterpretável, atravessada e sacudida pelas mudanças e os conflitos permanentes e as inércias de cada época. A memória que se encarrega da tradição, nesta perspectiva, não é a que se relaciona a tempo imóvel, mas a que faz presente um passado que nos desestabiliza (Martín Barbero, 2002, 2005).

Numa discussão que se articula a esta, Martín Barbero (2002) fornece-nos outras pistas para pensar a ação das mídias sobre as memórias ao refletir sobre a fragmentação dos relatos que se instaura via o que chama de ecossistema discursivo dos meios, com suas linguagens e escrituras específicas. As mídias instauram novos modos de narrar, condicionados por seus

¹⁵ fenômeno de *boom* ou febre de memória referido por Martín Barbero (2001a, 2001b), de cultura da memória no dizer de Huyssen (2002), do qual participam as mídias.

dispositivos, gêneros e linguagens, potenciando a coexistência de códigos e relatos diversos, que incidem sobre a experiência de conformação dos relatos de memória. Se de um lado, a conformação histórica dos gêneros, enquanto estratégias de comunicabilidade entre emissores e receptores possibilitou a incorporação e reciclagem de elementos e memórias que remetem ao universo da recepção, por outro, sua subordinação aos formatos remete ao obscurecimento de uma tradição em que os relatos possibilitam a inserção do presente nas memórias do passado e nos projetos do futuro.

A experiência multifacetada da recepção hoje, configurada por múltiplos *palimpsestos* midiáticos de memória, assim como as especificidades da gramática narrativa dos relatos midiáticos instituem uma experiência de fragmentação/proliferação dos relatos, como se a narração explodisse em pedaços. A propósito do nascimento das *short stories*, Benjamin nos lembra que estas “*não mais permitem a lenta superposição de camadas finas e translúcidas, que representa a melhor imagem do processo pelo qual a narrativa perfeita vem “a luz do dia, como coroamento das várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas.”* (Benjamin, 1994, p.206).

Dialogando com Benjamin e com Martín Barbero, podemos pensar que as especificidades dos relatos de memória midiáticos, assim como suas modalidades específicas de narrar, podem estar operando transformações na produção de narrativas de memória étnica. As mídias podem estar colaborando para a fragmentação desta memória, dos relatos/narrativas sobre a mesma e para a produção de lugares de amnésia. É preciso, entretanto, nuançar tais considerações, pensando as especificidades em termos dos relatos de gênero – pensemos aqui nas peculiaridades, por exemplo, do relato da telenovela, cuja duração temporal é larga, diferentemente do relato noticioso televisivo, cuja duração é curta e de composição fragmentada – considerando também particularidades em termos de mídia impressa e televisiva. Na esteira destas proposições, pensamos que a memória étnica, que nos interessa particularmente, deve estar sofrendo transformações em sua natureza, qualidade e sentido, marcada pela transformação da estrutura espacial e temporal e em cujo processo a mídia joga um papel fundamental. As mídias podem estar colaborando para um apagamento do sentido do tempo e da memória e para a transformação das relações com o passado étnico e seu significado. Pensamos, junto com Candau (2002) que, neste processo, a produção de *lugares de memória* pode estar se tornando mais difusa, dispersa e fragmentária; que a mídia

pode estar atuando como agente importante de configuração dos *lugares de memória e de amnésia* – produção marcada por suas matrizes, seus gêneros, suas modalidades narrativas e sua racionalidade de produção de sentido. Entretanto, também propomos que os lugares de memória e de amnésia não podem ser pensados apenas como resultado da ação da mídia, mas que articulam-se e são cruzados pelas dinâmicas dos contextos em que os sujeitos vivem, que operam *mediações* na sua constituição. É o que buscamos problematizar na seqüência.

4. Mediações na conformação da memória étnica

Ao pensar a memória étnica, necessitamos atentar para o fato de que, em sua configuração, inscrevem-se marcos coletivos/individuais que provém de *outros lugares além da mídia* e que também constituem os *palimpsestos* de memória na recepção. É atentando para o jogo conflitivo entre estes *outros lugares* e a ação da mídia, pensamos, que se abrem possibilidades produtivas para entender a conformação destes *palimpsestos* de memória, das lutas, dos conflitos que os marcam e do sentido particular que adquirem.

Neste âmbito, inscrevemo-nos na problemática da recepção na perspectiva das **mediações**, que implica deslocar-nos da concepção de que os meios são os únicos lugares de produção de sentido para pensar as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais; para pensar o *contexto cultural, os processos sociais, a história, as matrizes culturais também como lugares de inteligibilidade do processo de recepção*. Esta perspectiva demanda tomar em sério a *cultura e as competências culturais como mediação dos processos de recepção, desde onde instauram-se usos, negociações, pactos, consensos, conflitos e apropriações na relação com os meios, cujas lógicas não se resumem à ação da mídia*, seguindo Martín Barbero (1997).

Desde aí pensamos que a memória étnica é também lugar onde se inscrevem memórias que vem da experiência cultural e vivencial dos sujeitos, constituída desde seu lugar social, dos contextos de seu mundo da vida e das redes de relações que aí se estabelecem, que precisam ser pensados diacronicamente. Se a memória, como nos lembra Halbwachs (1990), se reconstrói a partir do presente e dos sistemas/quadros simbólicos que definem o sujeito no presente, ela lança uma ponte ao passado, às históricas experiências e vivências que marcaram o sujeito, onde se inscrevem os marcos sociais da memória, reinscrevendo-os no presente.

Quando propomos investigar a memória étnica, estamos focalizando uma modalidade específica de memória que teria, em sua natureza, lastro coletivo. Pois estamos nos referindo a uma memória que se constitui no sujeito, mas que se inscreve de alguma maneira no âmbito das conformações coletivas dos grupos étnicos. Entretanto, não podemos hoje pensar numa memória étnica coerente, assentada sobre a constituição de grupos nitidamente demarcados – aquela condição sob a qual se inscreve o pensamento de Halbwachs sobre a memória coletiva – se atentamos para as profundas transformações na experiência dos sujeitos na contemporaneidade. A multiplicidade de sistemas de significados, de mundos simbólicos inter-relacionados e em competição tem conseqüências diretas sobre a memória étnica. As distinções não se expressariam somente em termos de grupos, mas de indivíduo para indivíduo. “*Em esta condición de pluripertenência, típica del actor de las sociedades modernas, la memória de cada uno constituye un punto de intersección de vários flujos coletivos de memória en los que el próprio sujeto participa, una combinación individual plasmada por la biografía del individuo*” (Montesperelli, 2004, p.42). Nesta condição, a memória étnica modifica-se na intersecção da memória do indivíduo com uma pluralidade de memórias coletivas – daí pensarmos a noção de *palimpsestos* mediados de memória como lugar de cruzamento de vários fluxos de memória.

Isto não exclui pensar na vigência de certos *marcos coletivos de memória*, de *lugares de memória residuais*, aqueles elementos advindos do passado vigentes, constitutivos da memória no presente,¹⁶ e na presença de *matrizes culturais de memória*, para pensar na vigência de certos marcos ou lugares de memória de longa duração.¹⁷ Em pesquisa anterior, na qual investigamos a recepção da cobertura noticiosa da RBS relativa aos grupos étnicos alemães e italianos por telespectadores destes grupos, foi possível constatar a vigência deste tipo de *lugares de memória* *matriciando* a produção de sentidos para os produtos midiáticos, instaurando *modos táticos de fabricar sentidos*. Nesta linha pensamos que, na recepção da memória midiática, certos referentes de memória se instituem como *restos* que podem funcionar como *operadores de apropriações e de reconstruções* destes fluxos de memória midiática. A apropriação é aqui entendida na linha de Certeau (1996) que, com o conceito, oferece-nos uma via para captar potenciais produtivos, de criatividade e de transformação nas

¹⁶ A noção de residual é apropriada de Williams (1979).

¹⁷ A noção de matrizes culturais é apropriada de Martín Barbero (1997).

práticas de consumo, abrindo um espaço para divisar possibilidades de reapropriação dos produtos midiáticos. Desde esta perspectiva podemos pensar que, na relação com os produtos de memória étnica midiática, certos referentes de memória do sujeito podem funcionar como lugares de apropriação, possibilitando operações táticas na reconstrução dos relatos/narrativas midiáticas de memória.

Seguindo a perspectiva de pensar as mediações que operam na constituição dos lugares midiáticos de memória, torna-se importante pensar nos referentes de memória constituídos desde outros lugares de experiência e de relações dos sujeitos. Desde aí podem revelar-se referentes de memória étnica conformados no âmbito das relações familiares – pensando a família desde uma perspectiva extensa e multigeracional,¹⁸ atentando para especificidades relativas aos sujeitos étnicos de migrações contemporâneas e históricas, visto que os primeiros vivenciam processos de ruptura e reconstituição em outras bases de relações familiares/grupais, outrora enraizadas nos lugares de origem. A geração constitui também uma dimensão importante a ser considerada. Cenários onde se constituíram/constituem as relações com o grupo étnico – seja os grupos cotidianos de convivência informais ou formalizados (associações por exemplo), assim como iniciativas relativas a projetos turísticos também devem ser pensados como lugares potenciais de mediação da memória étnica. Em nível macro, certas ações e políticas históricas do Estado relativas aos grupos étnicos também jogam papel importante como mediação.

Estes espaços/agentes distintos, mediadores da memória étnica, devem ser pensados em registro de intercâmbio e de conflito, de luta pela hegemonia sobre os discursos plausíveis e relevantes de memória. Neste sentido, torna-se importante pensar como se inscrevem, nos *palimpsestos* de memórias dos sujeitos, marcas destas lutas sobre a legitimidade da memória étnica, nas quais a mídia também se inscreve.

Referências

BERGER, Christa. Proliferação da memória: a questão do reavivamento do passado na imprensa. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virginia (orgs.) **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005. pp.60-69.

¹⁸ A tese de Strohschoen (2003) fornece dados importantes a respeito da ação dos agentes familiares na constituição das memórias étnicas de sujeitos do grupo italiano.

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Rio de Janeiro, brasiliense, 1986.
- CANDAU, Joel. **Antropologia de la memória**. 1ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002. 128 p.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- COGO, Denise. **Mídia, migração e interculturalidade**. Relatório de pesquisa, Unisinos, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 116 p.
- _____. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (orgs.) **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005. pp.22-36.
- MALDONADO, Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n.9, p.1-15, 2002. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.br>> Acesso em: 19/11/2002.
- MARTÍN BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 356 p.
- _____. Tecnicidades, identidades, alteridades: des-ubicaciones y opacidades de la comunicación em el nuevo siglo. **Diálogos de la comunicación**, n. 64, p.8-23, 2002. Disponível em <www.felafacs.org/dialogos-64>. Acesso em: 20 de agosto, 2005.
- _____. Medios: olvidos e desmemorias. Debilitan el pasado y diluyen la necesidad de futuro. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n.6, p.1-15, 2001. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.br>> Acesso em: 19/08/2005.
- _____. El futuro que habita la memoria. **PCLA Revista científica digital**, São Paulo, n.3, p.1-18, abr./mai./jun.2001. Disponível em: <www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista7/artigo%207-1.htm>. Acesso em: 10/08/2005.
- MATA, María Cristina. De la cultura massiva a la cultura mediática. **Diálogos de la comunicación**, n. 56, p. 80-91, out. 1999. Disponível em <www.felafacs.org/dialogos>. Acesso em: 20 de março, 2002.
- MONTESPERELLI, Paolo. **Sociologia de la memoria**. 1ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004. 192 p.
- STROHSCHOEN, Ana Maria. **Mídia e memórias coletivas**. 2003. 211 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Unisinos, São Leopoldo.
- WILLIAMS, Raymond (1979). **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar. 215 p.